

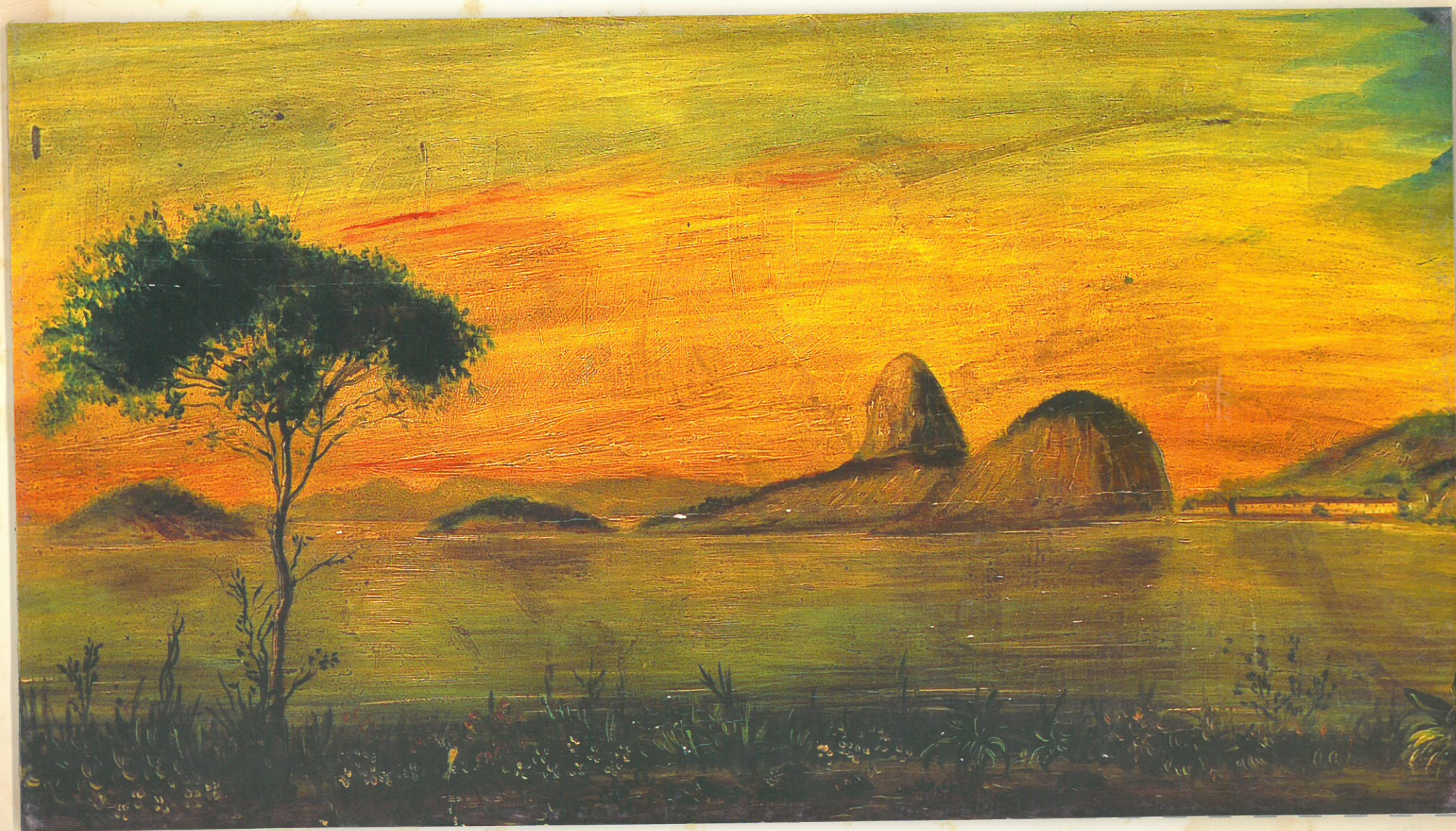
SONORA

Brasil

MUNDO NOVO

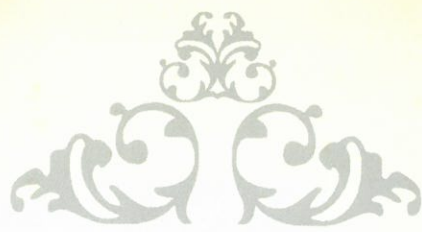
Circuito Nacional de Música

Pecado das Orelhas



* coleção particular

✧ TRADISJONEL MÚSICA ✧



FEMUCIC

Festa da Música Cidade Canção
REDE INTEGRADA DE MOSTRAS DE MÚSICA DO SESC



- **Mostra Nacional de Música**
- **Mostras Regionais de música**
- **Feiras de Música**
- **Workshops e Seminários**
- **Registros fonográficos das produções regionais**

Uma iniciativa voltada para a difusão da Música Brasileira, contribuindo para o processo de descentralização da produção nacional

Administrações Regionais do SESC em Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Mato Grosso, Tocantins, Rondônia, Pará, Amazonas e Acre



APRESENTAÇÃO

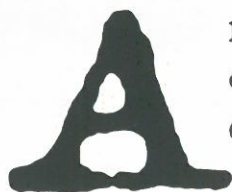
O Projeto Sonora Brasil é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um painel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquela que, por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontra espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

A realização do Projeto Sonora Brasil, em seu sétimo ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos socioculturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.

SESC
Departamento Nacional

*"Música nova é aquela que nunca foi dita.
Então música nova pode significar tanto aquela que existe há mil anos
quanto esta que se faz agora".
Anton Webern.*



música constitui um dos mais importantes valores do patrimônio cultural do Brasil, ocupando lugar de destaque na produção artística de todo o país.

Entendida como elemento fundamental na construção da identidade e imagem do país, a produção musical brasileira, rica e diversificada quanto a estilos, gêneros, ritmos e formas, reúne um elenco de manifestações das mais variadas, constituindo-se em meio privilegiado para o conhecimento de nosso universo cultural.

Reconhecido internacionalmente, determinado segmento dessa produção tem merecido, em nível profissionalizado, tratamento exclusivo no que respeita a aspectos inerentes de produção e difusão, posicionados mercadologicamente de forma a atender demandas geradas pelo mercado do entretenimento.

Por outro lado, coexiste com esta produção obsolescente, outra de caráter mais perene, elaborada através de processos complexos de escritura e oralidade, nascida da permanência viva do patrimônio legado pela tradição histórica, revelando a formação sociocultural do que somos. Uma produção que, remontando às origens históricas do processo de colonização do Brasil, sintetiza a cultura de nosso país.

Paradoxalmente, apesar da diversidade e riqueza dessa produção, é quase inexpressivo o conjunto de iniciativas até hoje empreendidas no sentido devido de sua produção e difusão. Do pouco que se produz, de enorme importância para a difusão do conhecimento sistematizado, permanecem quase exclusivas iniciativas voltadas apenas para a pesquisa e publicação de trabalhos teóricos, informações, em geral, restritas aos meios acadêmicos e profissionais, longe do alcance do público em geral.

Esse conhecimento, entendido no sentido amplo do termo, deve constituir-se em material sonoro concreto, tornado "prático", num sentido qualificado de difusão, conseqüente enquanto expressão da cultura de um povo.

A música do Brasil, considerada como produção contemporânea, objeto concreto de fruição estética, também precisa ser ouvida. Entendida em seu contexto próprio, caracterizada como produção específica e indissociável de nossa diversidade sociocultural, representativa das diversas regiões de norte a sul do país.

Objetiva-se, pois, enriquecer a cultura brasileira revelando este tesouro de informações musicais disponível, contribuindo de forma efetiva para o processo de difusão do conhecimento sistematizado.



Wagner Campos
GEC/DPS



TRADISJONEL MÚSICA



TRADISJONEL MÚSICA é um grupo dedicado à interpretação da música popular de tradição oral do Brasil e da Noruega. Formado por músicos de ambos os países, apresenta uma formação mista, composta de voz solo e instrumentos característicos de época e regionais, de cordas dedilhadas e friccionadas e de percussão em geral.

Para a realização do presente programa, inteiramente baseado em repertório brasileiro dos séculos XVIII e XIX, ressalta-se o caráter informal das modinhas e lunduns, escolhendo preferencialmente peças da tradição oral popular, que permaneceram na memória musical do povo, buscando resgatar o caráter ancestral destas peças, seja na forma de execução, seja no próprio arranjo musical.



TRADISJONEL



MÚSICA

Ane Carmen Roggen - Canto

Yvind Wang Tollefsen - Violão e Viola de Arame

Cecília Priliano - Viola da Gamba

Célio de Carvalho - Percussão

PROGRAMA

*** MODINHAS ***

SE OS MEUS SUSPIROS
PUDESSEM

DE QUE SERVE

AMANHÃ SÃO
ATRASOS DA SORTE

BEM SEI, MULHER

TRISTE VIDA

ACORDA DONZELA

ONTEM, HOJE,
AMANHÃ

MORENINHA,
SE EU TE PEDISSE

PÁLIDA MADONA

** * * * **

*** LUNDUNS ***

MAMALIA

PAPEL E TINTA

LUNDUM
DO PAI JOÃO

TAPUIA

MÃE MARIA
ME PEDE FAVÔ

EU GOSTO DA NEGRA

** * * * **

ANOTAÇÕES



MODINHAS

Alguns historiadores consideram o baiano Gregório de Matos (1623-1696) como um dos precursores da modinha no Brasil. O renomado Silvio Romero refere-se ao célebre poeta baiano como “*delicioso cantor de modinhas e tocador de viola*”. O fato de não ter restado nenhum documento musical da época comprovando tal afirmação não nos impede de fazer certas suposições, que levam a imaginar o desenvolvimento da moda portuguesa introduzida no Brasil no século anterior, até a sua completa nacionalização como verdadeira modinha brasileira no século XIX.

Este complexo processo de transformações, permeado de influências étnicas extra-européias e nutrido pelo anseio da busca de uma nacionalidade emergente na colônia, resultou em uma forma musical própria e muito fecunda – a modinha, que mais tarde, já no início do século XX, será um dos pilares para o surgimento de gêneros musicais essencialmente urbanos, como o choro.

Na gênese da modinha com características brasileiras, o padre mulato Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), brasileiro emigrado para Portugal, figura como uma referência fundamental. Sua atividade musical fez furor na Corte portuguesa no final do século XVIII, existindo testemunhos de sua particular habilidade de cantar e tocar a viola. Publicou um livro, *Viola de Lereno*, em Lisboa, 1798, onde constam suas modinhas, infelizmente sem a notação musical das melodias e do acompanhamento.

Uma grande parte das modinhas dos séculos XVIII e XIX, ainda hoje conhecidas, são de autores anônimos e foram transmitidas oralmente através de gerações de seresteiros, sendo finalmente anotadas, após vários processos de transformação, por algum douto estudioso.

Com o aparecimento das casas editoras de música, das gravações e, posteriormente, do rádio, facilitando a divulgação de novidades estrangeiras, a modinha deixou de ter a preferência do público, à medida que outros gêneros apareciam, como a valsa e a polca, entre outros.

No entanto, existe um grande número de modinhas desta época, atestando o enorme sucesso que faziam nos saraus das cidades.



LUNDUNS

Dois grandes blocos étnico-culturais de negros africanos vieram para o Brasil com o tráfico negreiro: os bantos e os nagôs. Os bantos são povos de diversas etnias de Angola, Congo e Moçambique.

Foram trazidos em grande quantidade principalmente para a Bahia, Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Trabalharam nos engenhos de açúcar do Nordeste no século XVII, na mineração de ouro e diamantes em Minas Gerais no século XVIII e, no século XIX, nas plantações de café do Sudeste.

Os escravos trabalhavam exaustivamente, isolados em fazendas distantes. Os batuques eram o raro momento de reunião e festa. Por outro lado, o tédio fazia com que essas festas se tornassem a única opção de lazer da elite branca que ia assistir à celebração dos escravos.

Os brancos não distinguiam se as festas eram religiosas ou de divertimento, sendo difícil entender o modo de pensar do africano, que não via diferença entre o mundo visível, dos homens, e o invisível, dos ancestrais e divindades. O sagrado fazia parte da sua vida durante todo o dia, em todos os atos, e não excluía o prazer e a alegria.

O lundum foi uma das danças mais populares do Brasil no século XVIII e é de origem negra. Foi a primeira forma de *batuque africano estruturado, de forma que podia ser imitado com sucesso por mestiços e até brancos. O lundum e o baiano, danças de origem negra, acabaram sendo praticadas pela elite, entrando como uma febre pelos salões das casas-grandes, tanto fazendas quanto na Corte.

Enquanto dança, considera-se que a coreografia do Lundum origina-se do fandango, com a umbigada das danças negras. Palmas no tempo forte, estalar de dedos, como castanholas, com os braços erguidos para o alto e sapateios, mão na testa, a outra no quadril.

Era dançado por um casal ao som da viola, rabeca ou flauta e tambores. O homem dançava a fim de demonstrar todo o seu molejo e poder de conquista. A dama, altiva, se mantinha com o porte ereto e elegante. O homem de forma alguma poderia permitir que repentinamente a dama o cobrisse com sua saia durante seus requebros e rebolados, sendo, nesse caso, desmoralizado perante todos os presentes.

O coro era cantado de improviso e tinha a função de incentivar os dançarinos através de um clima de excitação coletiva que contribuía para o bom desempenho da sua representação dramática de um jogo amoroso capaz de conduzir ao clímax sexual simbólico da umbigada.

Vários cronistas da época, escandalizados, narraram com detalhes as lascívia dos gestos. O pesquisador inglês Thomas Lindley escreve:

“O minueto e as danças populares são conhecidos e praticados nos círculos mais elevados, mas esta é a dança nacional; todas as classes, quando põem de lado o formalismo, a reserva e, posso acrescentar, a decência, entregam-se ao interesse e ao enlevo que ela excita.”

Até 1780, só as negras e mulatas se permitiam dançar o lundum na frente de rapazes, batendo sobre o chão os pés descalços. Anos depois passou a ser dançado pelas famílias brancas dentro de suas próprias casas.

O lundum cantiga foi popularizado de tal forma que se espalhou por diversas regiões do Brasil, da Ilha de Marajó ao Rio de Janeiro, cada uma com o seu sotaque, mas todas muito sensuais. Como o samba, no século XX, o lundum chegou a ser chamado de “dança nacional” e emprestou o prazer de dançar e a sensualidade para o samba de terreiro.



* Batuque: designação generalizante dada pelos brancos aos toques e festas de tambor de origem africana.

TEXTOS

MODINHAS

SE OS MEUS SUSPIROS PUDESSEM

Se os meus suspiros pudessem
ao teus ouvidos chegar,
Verias o quanto custa
uma ausência suportar.

Se eu não te visse de perto,
sensível a suspirar,
Bem perto da morte
estaria de saudade suportar.

Não é zêlo nem queixume
nem ciúme abrazador.
É saudade que a tormenta
na triste ausência do amor.

Se os meus suspiros pudessem
aos teus ouvidos chegar,
Verias o quanto custa
uma ausência suportar.

Se eu não te visse de perto,
sensível a suspirar,
Bem perto da morte
estaria de saudade suportar.

A MANHÃ SÃO ATRASOS DA SORTE

Amanhã são atrasos da sorte
E da vida com seu amargor
Amanhã o triunfo ou a morte
Amanhã o prazer ou a dôr

Amanhã, amanhã sempre o mesmo
Oh! Maldigo esta frase tão vã
Nem sequer um olhar
Nem um beijo meigo e terno
Maldito amanhã

És Formosa e mais bela serias
Envolvida em teu manto de lã
E tão lindos teus seios morenos
Fosse hoje e não amanhã.

Amanhã, amanhã sempre o mesmo
Oh! Maldigo esta frase tão vã
Nem sequer um olhar
Nem um beijo meigo e terno
Maldito amanhã

Oh! Não sejas cruel
Dai-me o sim de seus lábios
Da côr de romã
Dai-me a vida num lânguido abraço
Mas não diga, por Deus, amanhã

Amanhã amanhã sempre o mesmo
Oh! Maldigo esta frase tão vã
Nem sequer um olhar
Nem um beijo meigo e terno
Maldito amanhã

DE QUE SERVE

De que serve a meus desejos
consagrar-te e ter no amor
se despresas meus desvêlo
Se não sentes a minha dôr?

Compasiva em outro tempo
afagavas minha paixão
E aliviavas meus receios
com sensível coração.



B E M S E I M U L H E R

Bem sei mulher, bem conheço
Que fui um louco em fitar-te,
Muito mais louco em amar-te
sem consultar a razão.

Mas não suponhas ou creias
Que teu desprezo me consome
Embora pobre e sem nome
Sei desprezar-te, também

Não avalias a distância
Que nos separa da vida
Tu tens a aurora florida
Eu tenho as noites cruéis.

Tu tens um manto de flores
A enfeitar-te a existência
Eu tenho a noite de espinhos
Que me dilacera os pés

Antes eu quero ser filho
Da musa da natureza
Do que ter por mão a beleza
E ter por pai um braço

Nem tudo que reluz é ouro
Nem sempre a flor tem perfume
Nem sempre o céu tem seu lume
Nem sempre o amor é paixão

T R I S T E V I D A

Que sorte, que sina cruel do meu fado
Viver separado, de um anjo fiel
Que importa a beleza da verde campina
Se a flôr purpurina tem cálice de fé!

Tarde, bem tarde ao pé de uma fonte
Perguntei ao monte o mal que lhe fiz
O monte não sabe notícia de nada
E a fonte, se sabe, chorando não diz

Bem tarde, bem tarde ao pé de um joaseiro
Passei o dia inteiro por ela a chamar
Um canto saudoso de longe se ouvia
Ninguém respondia, me pus a chorar

A C O R D A D O N Z E L A

Acorda Donzela
Que a noite é bela
Vem ver o luar
Vem ouvir os cantos
Tão cheios de encanto
Que vem lá do mar

São pescadores
que remando amores
Andam barra à fora
remando a falua
ao clarão da lua
Na propícia hora

Acorda donzela
que a noite é bela
Vem ver o luar
Vem ouvir os cantos
tão cheios de encantos
Que vem lá do mar

São pescadores
que remando amores
Andam barra à fora
remando a falua
ao clarão da lua
Na propícia hora

São horas ardentes
e resplandecentes
São horas de amor
Tudo são encantos
Vem ouvir meus cantos
Que eu sou trovador

O N T E M , H O J E ,
A M A N H Ã

Ontem eu era ditosa
Ontem eu era feliz
Ontem vi nascer a rosa
Ontem meu coração quiz

Hoje meu Deus que tortura
Hoje suspiros e ais
Hoje um calix de amargura
Hoje a dor e nada mais

Amanhã perto da morte
Amanhã llonge daqui
Amahhá mudada a sorte
Amanhã longe de ti

Beijava teus pés pequenos
e o teu lindo rosto moreno,
e o teu lindo rosto moreno,
e as tranças do negro tom.

Beijava teus pés pequenos
e o teu lindo rosto moreno,
e as tranças do negro tom,
que bom, que bom.

Moreninha se eu te pedisse,
de modo que ninguém visse,
de modo que ninguém visse,
um beijo tu me negavas.

Moreninha, se eu te pedisse,
de modo que ninguém visse,
um beijo, tu me negavas
ou dava? Ou dava?

M O R E N I N H A ,
S E E U T E P E D I S S E

Moreninha, se eu te pedisse,
de modo que ninguém visse,
de modo que ninguém visse,
um beijo tu me negavas.

Moreninha, se eu te pedisse,
de modo que ninguém visse,
de modo que ninguém visse,
um beijo tu me negavas
ou dava? Ou dava?

Moreninha, se eu te encontrasse
na varanda costurando,
na varanda costurando,
e me recebesses sorrindo.

Moreninha, se eu te encontrasse
na varanda costurando,
na varanda costurando,
e me recebesses sorrindo,
que lindo, que lindo.

P Á L L I D A M A D O N A

Oh! pálida madona de meus sonhos,
Bela filha dos serros d Engandy,
Vem inspirar os cantos do poeta,
Rosa branca da lira de David

Todo amor que meu peito
Repousava como orvalho das noites ao relento
a teus pés e levou-se como as nuvens
que se perdem no azul do firmamento.

LUNDUNS

M A M A L I A

Mamalia mia muié
Mamalia mia muié
Um favo eu vai te pidi
Um favo eu vai te pidi
Quano ronda vié mi busuncá
Quano ronda vié mi busuncá
Ocê fala qui eu num tá
Aí ocê fala qui eu num tá
Aí salacusaco.

Mamalia mia mui é
Pelo sin á di Santa Cruz
Liva nu Deu, Liva santo tá nu livozi maió
Liva santo tá nu livozi menó
Tá pindulado São Miguel di Calanzó!
Tá pindulado São João di Bapitita

Tengô, tengô ma famá
Tengô, tengô ma famá

Mamalia mia muié,
Num mi fara cum sordado!
Malia du Congo,
Num mi fara di pecado!
Hê, hê! Há, ha!

Lá nus caminho ri Mina
Lá nus caminho ri Mina
Uma onça mi roncô
Uma onça mi roncô
Quano eu fui zoiá pala ela
Quano eu fui zoiá pala ela
Meu curaçon palapitô
Meu curaçon palapitô
Salacusaco

Mamalia ma famámá
Zoio dela cum otá rigalado
Nalizi de la cumo tá libitado
Pelo de la cumo tá lipiado
Pata de la cumo tá calapaçado

Quano eu era no meu tera
Quano eu era no meu tera
Era rei de Zinangora
Era rei de Zinangora
Gora tô in tera di blanco
Gora tô in tera di blanco
Zoga cabungo fora
Zoga cabungo fora
Salacusaco

Mamalia mia muié
Pelo siná di Santa Cruz
Liva nu Deu, liva santo tá nu livazi maió
Liva santo tá nu livazi menó
Tá pindulado São Miguel di Calanzó!
Tá pindulado São João Bapitita.

P A P E L E T I N T A

Quando mia sinho me disse,
Pai Francisco venha cá,
Traga lá papel e tinta
Que tu tá pra se casá.

Quando mia sinho me disse,
Pai Francisco venha cá,
Traga lá papel e tinta
Que tu tá pra se casá.

Eu fico todo sarapentaro
Nariz de bezerro
Caracanhára charo
Eu bem te rizia
Eu bem te rizia
Que b lambico Jeremia

LUNDUN
DO PAI JOÃO

Quando io tava em minha tera
Io chamava generá
Chega na tera di blanco
Chega na tera di blanco
Pega cêta vai ganhá.

Disaforo di um blanco
Nô si pori aturá
Tá comendo, tá drumindo
Manda nego trabaiá

Blanco dige quando more
Jesucrisso que levou
E o pretinho quando more
Foi cachaça que matou.

Quando blanco vai na venda
Logo dizi tá esquentáro
Nosso preto vai na venda
Acha copo tá viraro.

Blanco dizi: preto fruta,
Preto fruta com com rezão,
Sinhô blanco também fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta grinnha,
Fruta saco de fijjão, sinhô
Blanco quanddo fruta,
Fruta prata e patacão

Nosso preto quando fruta
Vai pará na correção
Sinhô blanco quando fruta
Logo sai sinhô barão

Quando io tava em minha tera
Io chamava genera
Chega na tera di blanco
Chega na tera di blanco pega cêta vai ganhá

TAPUIA

Tapuia, linda tapuia
Que fazes no cacuná?
Tapuia, linda tapuia
Eu vim aqui colher goiaba
que minha mãe pediu

MÃE MARIA
TE PEDE FAVÔ

Mãe Maria te pede favô
Prá não querê mais bem Pai João

E te prego na cabeça o orimonho
E te prego na barriga o facão
Óia só Mãe Maria seu negô tá padecendo
Vai prá roça vai gemendo
Hum, hum, hum, hum, hum,...

Mãe Maria te pede favô
Prá mim querê mais bem Pai Vicente

Mãe Maria mecê bem sabe
O que é que meu peito sente
Óia só Mãe Maria seu negô tá padecendo
E vai prá roça e vai gemendo
Mãe Maria te pede favô
Prá não querê mais bem Pai João

E te prego na cabeça o orimonho
E te prego na barriga o facão
Óia só Mãe Maria seu negô tá padecendo
Vai prá roça vai gemendo
Hum, hum, hum, hum, hum...

EU GOSTO DA NEGRA

Eu gosto da negra cor de carvão
Eu tenho por ela grande paixão
Quem bem me importa que falem de mim
Eu gosto da negra, mesmo assim

SONORA BRASIL * MVNDO NOVO * Circuito Nacional de Música





Uma iniciativa do SESC voltada para a produção e difusão
da música de tradição oral do Brasil

REGISTRO
SONORO
DA **MÚSICA**
do **BRASIL**

.....

Pesquisa e Recolha Musical
Gravação e Edição de CDs
Projetos Culturais
de Difusão Musical

.....

F O R M A Ç Ã O D E O U V I N T E S M U S I C A I S

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Mato Grosso,
Pará, Santa Catarina e Paraná.





CDRM

Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa do SESC voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

- Salas de Música
- Fonotecas
- Centros de Tecnologias Musicais
- Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições orientadas, Pesquisas e estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco digital de partituras, Editoração musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CDs.

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Distrito Federal, Mato Grosso e Pernambuco



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

CONSELHO NACIONAL
Presidência
Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL
Direção Geral
Maron Emile Abi-Abib

PROJETO SONORA BRASIL - MUNDO NOVO
Circuito Nacional de Música

REALIZAÇÃO
SESC - Departamentto Nacional

PROJETO E PRODUÇÃO
DPS - Divisão de Programas Sociais
GEC - Gerência de Cultura

CURADORIA E DIREÇÃO MUSICAL
Wagner Campos
Regina Loureiro de Sá

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Departamentos Regionais do SESC em :
SC, PR, SP, DF, MT, TO, PA, AM, AC,
AP, MA, PI, CE, PE, PB, AL, BA.

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA
ADP/DG - Assessoria de Divulgação e Promoção Institucional

DESIGN GRÁFICO
Vinicius Borges
Julio Carvalho

ILUSTRAÇÃO CAPA
Artista Desconhecido
"Paisagem"
Direttos Reservados

FOTOGRAFIA DE ILUSTRAÇÃO
Ismar Ingber

SONORA BRASIL
MUNDO NOVO

SESC
NACIONAL